



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Eixo Temático: Educação e Formação de Professores;

INFÂNCIAS CONTEMPORÂNEAS E A CRISE DA AUTORIDADE COMO TESTEMUNHO E TRANSFERÊNCIA

Érika Gianluppi Villani¹
Maria Regina Johann²

RESUMO

O texto é o recorte da pesquisa que se intitula “a dupla função de educar: proteger as crianças do mundo e o mundo das crianças”, dedicada a entender a noção de autoridade entre crianças e adultos. A pesquisa é de abordagem qualitativa e o enfoque em questão tem como procedimento a revisão bibliográfica, que visa gerar dados de literatura que historiciza a infância e suas transformações culturais. O objetivo é sustentar razões de que a infância é uma construção sociohistórica, exigente, portanto, de um olhar atento às suas transformações e desafios formativos. Os dados gerados indicam, especialmente, dois aspectos: que a noção de infância é cultural e, assim como ocorreu o seu surgimento, também presenciamos o seu possível declínio e, ainda, que as infâncias podem estar se resignificando mediante um contexto de exposição ao uso de telas e acesso à internet. Há indicativos de que a autoridade - como transferência e testemunho - esteja em crise.

Palavras-chave: Formação. Infâncias. Educação Intergeracional. Autoridade. Mundo Comum.

INTRODUÇÃO

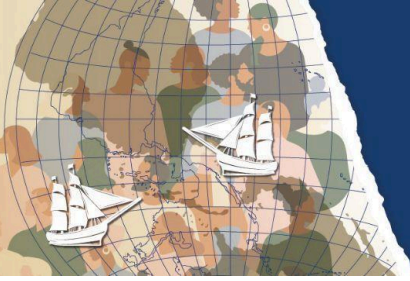
Atualmente, está posto no dicionário Aurélio (2010) a definição de infância como sendo “um período de crescimento do ser humano que vai do nascimento à puberdade”. Também, no mesmo glossário, o termo “criança”, é definido como “ser humano de pouca idade”. Entretanto, nem sempre as definições encontradas para esses termos foram essas, visto

¹ Graduanda em Psicologia e bolsista de Iniciação Científica da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI. E-mail. erika.villani@hotmail.com.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (PPGEC) e dos Cursos de Licenciatura da UNIJUI. Pesquisadora e coordenadora do Grupo de Estudos Infâncias brasileiras: temas emergentes e desafios à formação e à educação (UNIJUI).

Endereço de Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1342712435989637>.

E-mail: maria.johann@unijui.edu.br



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



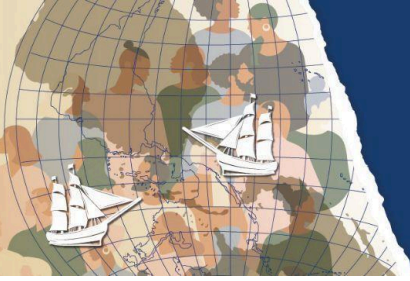
que, ao longo dos séculos, esses conceitos são reeditados, pois acompanham o contexto social de cada época. Conforme Philippe Ariès (1981), a noção de infância se modifica de acordo com o contexto histórico-social e, nesse sentido, três aspectos merecem destaque, pois davam um tom de precisão científica à natalidade das crianças: nome fantasia; sobrenome vinculado à linhagem e o registro das datas e números relacionados ao nascimento. Esses aspectos passam a dar um lugar às crianças, que são situadas e referenciadas no contexto de seu nascimento e desenvolvimento. Para o autor, foi na Idade Média que as “Idades da Vida” começaram a ter importância e até os 21 anos a vida não era valorizada, em vista da alta mortalidade. Portanto, temos uma linha de tempo que situa as infâncias: a sua invisibilidade, seu apogeu até mais recentemente, a sua decadência.

Nesse prisma, Neil Postman (1999), aponta que a infância não existiu desde sempre, mas foi uma invenção humana e, que, por hora, está com os dias contados. Nesse sentido, o presente estudo tem como problemática o declínio ou a ressignificação da infância e, nesse contexto, olha-se para o aspecto da autoridade como uma dimensão de cuidado e educação, que também se sustenta via transferência e testemunho intergeracional e que respalda a própria infância isso porque os filhotes humanos demandam muito tempo de cuidados e ensinamentos.

Nesse viés, este trabalho objetiva sustentar razões de que a infância é uma construção sociohistórica, exigente, portanto, de um olhar atento às suas transformações e desafios formativos e faz isso mobilizando elementos históricos acerca do surgimento da noção de infância e também de seu possível declínio. Sendo assim, inicialmente, enfocamos os aspectos sócio históricos para, posteriormente, enfatizarmos a necessidade de conservarmos a dimensão pré-política da educação, no que concerne a autoridade como transferência e testemunho intergeracional. Além disso, o estudo se enquadra no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) quatro, que visa a Educação de Qualidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este escrito, enquadra-se em uma pesquisa de abordagem qualitativa, e tem como um dos procedimentos a revisão bibliográfica que visa gerar informações acerca da historicização



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí

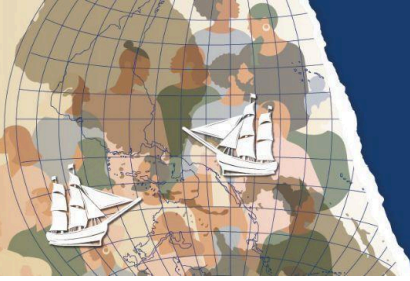


da infância. Contextualizando o seu movimento histórico, objetiva-se compreender a noção de autoridade do ponto de vista pré-político, cunhada na dimensão familiar e que se estende também no horizonte educacional, como algo próprio, relativo aos adultos que se ocupam do cuidado e da educação das novas gerações. Para a elaboração do presente trabalho, nos debruçamos sobre duas obras que versam sobre as dimensões da infância e outras duas sobre a educação e autoridade. A primeira delas, trata-se do livro “O desaparecimento da Infância” (Postman, 1999) que permite compreender qual o lugar ocupado pela infância na Idade Média e nos períodos seguintes, atentando-se ao que provocou a sua emergência e o seu declínio. Também mobilizamos dados trazidos por Philippe Ariès no livro “História social da criança e da família” (1981), que ajuda a situar a infância na cultura ocidental. A terceira obra, “Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais” (2017), organizada por Angela Baptista e Julieta Jerusalinsky, que oferece um conjunto de textos que tratam das infâncias contemporâneas, de modo especial, no que diz respeito à problemática dos sujeitos e sua formação em contextos de cibercultura. Já a quarta obra, diz respeito ao texto de Hannah Arendt, que trata da crise da autoridade na educação, disponível no livro "Entre o passado e o futuro" (2002). Tais obras ajudam a pensar os desafios do tempo presente no que concerne a educação e a formação das novas gerações.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na obra intitulada “O Desaparecimento da Infância”, Neil Postman (1999) faz um percurso histórico desde a Idade Média até a popularização da televisão para buscar compreender como surgiu a infância e o que acarretou para que a mesma entrasse em declínio. Nesse sentido, Postman (1999) observa que durante a Idade Média, a infância encerrava-se aos 7 anos, isso porque, na sociedade medieval, a transmissão do conhecimento e das informações se dava a partir da oralidade e isso não exigia uma preparação prévia.

Postman (1999) reitera que é somente no século XVI que surge uma nova concepção de infância, a partir da mudança na forma de transmissão do conhecimento com a invenção da prensa tipográfica. Com o surgimento da impressão por caracteres móveis, a principal forma de transmitir conhecimento deixa de ser através da oralidade e passa a ser por meio dos livros.



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



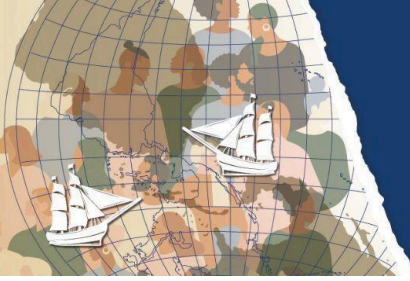
Isso requer uma preparação prévia que pressupõe aprender a ler. Sem o domínio da leitura as crianças foram excluídas do mundo adulto, fazendo-se assim necessário um lugar para elas, a infância e mais tarde a própria instituição escolar.

No entanto, fazendo jus ao título de sua obra, Postman constata que após o início do século XX a infância começou entrar em desaparecimento, e isso se dá pela invenção de um novo mecanismo de comunicação. O autor chega a essa conclusão valendo-se da ideia de Marshall McLuhan de que “quando um artefato social fica obsoleto se transforma num objeto de nostalgia e contemplação” (Postman, 1999, p. 19). Ou seja, levando em consideração que a partir de 1980 diversos estudos sobre a história da infância foram publicados e que os historiadores se ocupam em acontecimentos que estão encerrados ou em declínio, pode se dizer que a infância está desaparecendo (Postman, 1999).

Por sua vez, a televisão derruba a hierarquia do conhecimento que tinha sido construída ao longo dos séculos anteriores, após a invenção da prensa tipográfica. Isso porque, se nessa época era necessário anos de preparação para dominar o universo letrado e assim acessar gradativamente as informações e o conhecimento que os adultos possuíam, agora, como nos tempos medievais, não é mais necessário essa preparação, visto que, para se conectar as imagens que a TV expõe é dispensável qualquer tipo de habilidade, da mesma forma que essa ferramenta também não proporciona nenhuma habilidade (Postman, 1999).

Lastimavelmente, dessa forma, torna-se novamente impreciso distinguir a infância da idade adulta, pois todos compartilham do mesmo conhecimento e os segredos já aparecem outra vez escancarados pela mídia. A televisão, diferentemente dos livros, não segrega o seu público. A televisão é um meio de comunicação igualitário, pois todos têm condições de acessar as mesmas programações, tão igualitário que torna-se impossível separar o que é do mundo adulto e o que é do infantil. Portanto, se não existe distinção entre esses mundos, não existe infância (Postman, 1999).

Todavia, hodiernamente, além da TV, se faz presente no meio comunicativo o advento da internet. Nesse espaço virtual, o adulto não é mais a principal fonte de conhecimento, o sujeito que porta o saber. Frente às telas, ele está para com a criança como um telespectador de igual para igual (Postman, 1999). A visão de Postman se atualiza em relação ao tempo presente, uma vez que a internet móvel permite acessos à informações e



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



oportuniza interações via redes sociais, autonomizando os sujeitos no que diz respeito aos conteúdos que acessam e com quem interagem; tempos esses caracterizados por Zygmunt Bauman como “líquidos”, - estado da matéria em que o conteúdo é volátil e flexível.

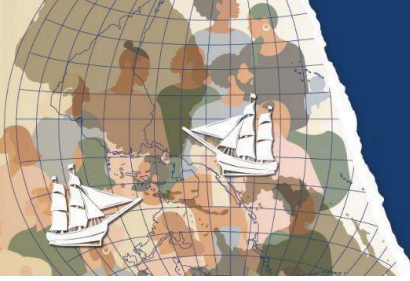
Além disso, é importante mencionar que hodiernamente as informações se espalham em uma velocidade jamais vista antes. Na modernidade líquida descrita pelo autor, as relações humanas são instáveis e se dissolvem com facilidade e a velocidade por sua vez é um fator notável. Segundo ele, nesse tempo a questão não é adquirir informações, mas sim selecioná-las, pois elas se disseminam rapidamente, mas muitas são de procedência e conteúdo duvidoso (Bauman, 2007).

A esse respeito, Julieta Jerusalinsky (2017) alerta que em meio a essa velocidade frenética que a vida acontece, não há mais tempo para elaborações. O excesso de imagens e informações em um curto período de tempo, não permite pensar e refletir sobre os fatos em questão, o que importa, apenas, é receber o maior número de informações o mais rápido possível. Dessa forma, o jornal que trás as notícias de ontem, torna-se ultrapassado.

Nesse contexto, as relações entre adultos e crianças também são afetadas e diante da espetacularização da vida, as narrativas, as conversas e as experiências de vida dos sujeitos (mais velhos) disputam holofotes com as mídias. Nesse sentido, Alfredo Jerusalinsky (2017) ressalta que diante do grandioso número de notícias e informações, as experiências e testemunhos pessoais passam a ficar desvalorizados. Dessa maneira, nas palavras do autor:

Nesses tempos pós-modernos, o compreender tem sido substituído pela informação como centro do saber. É por isso que ter experiência passou a ter menos valor do que estar informado. As crianças, por lógica consequência, deixaram de ver os adultos como portadores do saber. Produziu-se, então, uma transformação radical nas relações transgeracionais: os mais jovens - mais bem informados das transformações mais recentes - não percebem o saber dos adultos (fundamentado na sua experiência) como fonte de qualquer autoridade ou orientação para a escolha de seus atos e seus destinos (Jerusalinsky, 2021, p. 61).

Percebe, assim, que as experiências dos adultos parecem não terem mais serventia para as crianças, pois muitas vezes eles conseguem respostas mais rápidas e supostamente mais precisas na internet, do que advindas dos pais ou professores. Com tanta disponibilidade e facilidade de acesso às informações, é imperdoável não estar por dentro dos últimos acontecimentos, embora informação não signifique conhecimento. Dessa maneira, adultos e



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí

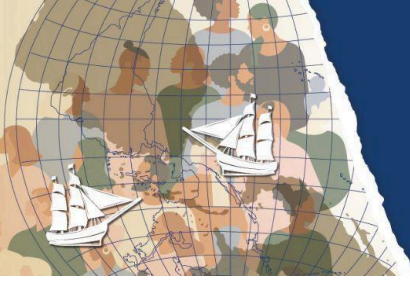


crianças, outra vez, acessam de forma igualitária os acontecimentos do mundo, a transmissão de conhecimentos de uma geração para a outra perde o valor, as crianças perdem as suas referências e os adultos se desestabilizam, pois não sabem o que ainda podem ou devem fazer e diante desse sentimento de insegurança, muitas vezes optam por “abandonar” às crianças às telas.

Contudo, Julieta Jerusalinsky (2017) enfatiza o quão importante se faz para o sujeito a presença de um Outro encarnado. Este “Outro”, com letra maiúscula, é encarnado em uma pessoa tida como referência para a criança desde os seus primeiros momentos de vida, como por exemplo, a mãe ou quem exerce a função materna. É esse Outro que, investindo na criança, faz com que aquele “pedaço de carne” se torne um sujeito desejante. Isso ocorre por meio das atividades cotidianas, através da sustentação do olhar quando a mãe supri as necessidades básicas do bebê, fazendo de uma troca de fraldas um momento de afeto e aprendizagem, oferecendo um colo para amenizar o desconforto de uma cólica.

Assim, é fundamental a figura desse Outro encarnado com quem a criança possa ter como referência para se identificar, se reconhecer e se diferenciar. Porém, Julieta Jerusalinsky (2017) adverte que há casos em que a referência dos pequenos não é mais uma pessoa de carne e osso, mas sim, um objeto eletrônico. Dessa forma, isso torna-se preocupante, uma vez que estes objetos não possuem os mesmos atributos que os humanos possuem e, que, são necessários na infância para a estruturação psíquica. As crianças precisam de um Outro em presença física, acometido por atos falhos, chistes e lapsos, que não têm respostas prontas para tudo, ou seja, alguém que erra, que frustra, mas que, acima de tudo, interpreta as necessidades da criança (Jerusalinsky, 2017).

Esse tema é expressivo, pois concomitante ao desaparecimento da infância, surge em questão a crise de autoridade que se manifesta desde o século XX. Esse conceito é fundamental na política, mas a crise de autoridade se espalhou também em áreas pré-políticas como a criação de filhos e a educação. Hannah Arendt (2002), expõe que a ordem autoritária se dá pela hierarquia, não pela coerção nem mesmo pela persuasão. E o fato de os recém-chegados ao mundo necessitarem de cuidados e de educação, exige da parte dos adultos o exercício da autoridade, pois é notório que as crianças necessitam da orientação de uma pessoa conhecedora do mundo como professores, pais e responsáveis para ensiná-las a se

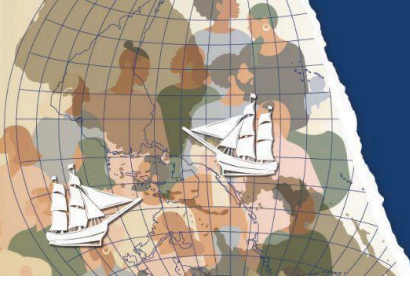


relacionarem com o meio e com os outros. Esses adultos, naturalmente por suas experiências de vida, são portadores de um saber que deve ser transmitido às crianças, assim como eles também receberam de seus antecessores (Arendt, 2002). Isso chamamos de transmissão ou testemunho intergeracional.

De acordo com Arendt (2002), atualmente vivemos uma espécie de crise da autoridade na educação. Para ela, educação e autoridade são dimensões inter-relacionadas, uma vez que educação pressupõe uma autoridade exercida entre desiguais e que dispensa o uso da força e da coerção. Do ponto de vista da autora, a autoridade se inscreve no mundo humano por um viés político visto que a continuidade civilizacional pressupõe a transmissão de algo que guie os recém-chegados num mundo pré-estabelecido, no qual nascem como estrangeiros. Nesse sentido, a autoridade também estaria vinculada às leis, às normas, aos acordos sociais. Arendt, reivindica o conceito de autoridade (*auctoritas*) da tradição romana, cujo sentido passa pelo reconhecimento dos saberes dos anciões – portadores da tradição - e pela prática da fundação de novos territórios, prática exercida pelos romanos (Arendt, 2002).

O advento das sociedades modernas desencadeou uma crise nesta noção de autoridade, como transmissão levando a mesma ao seu desaparecimento, sendo assim, a “autoridade que perdemos no mundo moderno não é a ‘autoridade geral’, mas uma forma bem específica, que fora válida em todo mundo ocidental durante um longo período de tempo” (Arendt, 2002, p. 129). A crise da autoridade, que tem origem na política, atingiu também uma instância pré-política, que é a da família, fragilizando a criação dos filhos e a educação. No âmbito da educação das novas gerações, a autoridade sempre fora aceita e requerida como uma necessidade natural, haja vista a condição de desamparo de toda criança quando chega ao mundo (Arendt, 2002).

O alerta que Arendt (2002) faz aos que se ocupam da educação mantém-se atual e contundente, pois ela afirma que “[...] a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres nascem para o mundo” (p. 223), aspecto que pressupõe o caráter conservador da educação. Em consideração a isso, ela formula uma afirmação categórica: “a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele [...], é também onde decidimos se amamos nossas crianças o suficiente para não expulsá-las do nosso mundo [...]” (Arendt, 2002, p. 247). Ao afirmar que vivemos uma crise



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



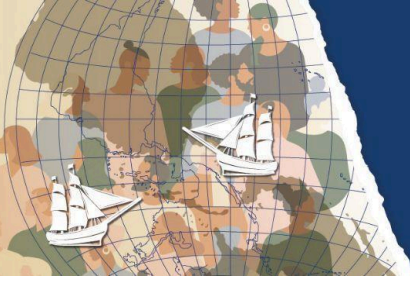
na educação, nos adverte para o compromisso de refletirmos sobre o modo como temos nos ocupado (ou não) com a educação das novas gerações. Em tempos de supervalorização da cultura digital, de investimentos em redes sociais e comportamentos de distração parental (Daniel Becker, 2021)³, precisamos refletir sobre o que significa a autoridade. Tal distração atinge pais, cuidadores e também educadores exigindo que se assuma o compromisso com a formação das novas gerações, educando-as e instruindo-as para viverem os desafios de seu tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em consideração ao exposto, faz-se perceber que as modificações na concepção de infância, assim como as relações entre adultos e crianças, estão intimamente relacionadas às transformações sócio-históricas, em especial com as formas que as pessoas compartilham os conhecimentos e as informações na sociedade. Isso ocorre porque, quando surge um novo mecanismo informacional, a sociedade passa por uma reestruturação na qual implica diretamente nas relações entre os adultos e crianças. No mais, percebe-se que além da infância, a autoridade dos adultos em relação às crianças também está em processo de declínio ou ressignificação em virtude das modificações sócio-históricas que ocorrem na civilização. Contudo, independentemente de tais transformações culturais, científicas e tecnologias, o ser humano ainda não dispensa os cuidados e a dimensão da educabilidade. É preciso, portanto, atualizar o sentido de autoridade e seguir afirmando sua validade formativa para o bem das crianças e da própria noção de mundo comum.

Ao relacionarmos a história da infância, o contexto atual e a crise da autoridade, argumentamos a favor da necessidade de assumirmos o papel educativo e formativo frente às novas gerações, mesmo em circunstâncias sobre as quais nos sentimos inseguros para decidir ou afirmar. As crianças, pela sua própria condição de infantes, demandam cuidados, ensinamentos e referências, sob pena de se sentirem lançadas ao mundo para o qual não escolheram adentrar. Mesmo admitindo que nossas verdades são frágeis e provisórias,

³ O mal-estar da infância na contemporaneidade, com Daniel Becker, pediatra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YXW51hSIHTk>. Acesso em: abril de 2024.



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



sabemos que os processos formativos demandam dedicação e testemunhos, pois a transferência é uma dimensão constitutiva dos humanos, sem a qual nos sentimos em estado de abandono. A transmissão da cultura, dos valores, dos hábitos e dos conhecimentos são aspectos inerentes à condição humana. Destarte, mesmo em tempos de espetacularização do mundo da vida, as novas gerações aguardam da nossa parte uma postura de responsabilidade como mundo que lhe entregamos. Prepará-las para viverem os desafios de seu tempo, é reafirmar o nosso compromisso ético-político de autoridades, pais, professores e cuidadores. A responsabilidade intergeracional, expressa em uma noção abarcante de autoridade e em um horizonte que perspectiva mundo comum, necessita encontrar espaço mesmo que em disputa com telas, redes sociais e youtubers.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

ARIÉS, Philippe. **História Social da criança e da família**. 2a ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

BECKER, Daniel. O mal-estar da infância na contemporaneidade, com Daniel Becker, pediatra. **Youtube**, 7 abr. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YXW51hSIHTk>. Acesso em 18 abr.2024.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: O dicionário da língua portuguesa**. 8.ed. Curitiba: Positivo, 2010.

JERUSALINSKY, Alfredo. Homo Web: o fascínio da lógica eletrônica. In: BATISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta (Org.). **Intoxicações eletrônicas**. O sujeito na era das relações. 1 ed. Salvador: Editora Ágalma, 2017, p. 56-62.

JERUSALINSKY, Julieta. As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. In. BATISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta (Org.). **Intoxicações eletrônicas**. O sujeito na era das relações. 1 ed. Salvador: Editora Ágalma, 2017, p. (39-55).

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Tradução: Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.